

MESOCONSTRUÇÕES CONCESSIVAS INTENSIVAS DE BASE ADJETIVAL

Ivo da Costa do Rosário¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo investigar uma construção especial em língua portuguesa. Trata-se das mesoconstruções concessivas intensivas de base adjetival, do tipo *por mais bela que seja...* A partir de um *corpus* de língua escrita, propõe-se uma análise para essas estruturas ainda pouco estudadas em nossas obras gramaticais de referência. Utiliza-se como referencial teórico a linguística funcional centrada no uso, que reúne pressupostos funcionalistas de base norte-americana e contribuições da Gramática de Construções de base cognitivista. O artigo apresentará uma breve discussão acerca do conceito de mesoconstruções, iconicidade e (inter)subjativização, com o propósito de qualificar a análise. Apesar de as mesoconstruções concessivas intensivas de base adjetival não serem tão produtivas em português, em termos de frequência, merecem ser investigadas, por conta de suas especificidades, especialmente pelo seu caráter de amalgamar matizes semânticos distintos.

Palavras-chave: Mesoconstruções. Concessividade. Intensidade.

Abstract: This paper aims at investigating a special construction in Portuguese. We refer to the intensive concessive mesoconstructions of adjectival basis, like *As beautiful as it is....* By using a corpus-based study of written registers, we propose an analysis for these structures which are not found easily in many reference grammars. As a theoretical framework, we make use of the Usage-Based Functional Linguistics, which gathers north american functionalist assumptions and contributions of the cognitive-based Construction Grammar. The paper will present a brief discussion on the concept of mesoconstructions, iconicity and (inter) subjectification in order to qualify the analysis. Despite the fact that intensive concessive mesoconstructions of adjectival basis are not so productive in Portuguese, in terms of frequency, they deserve to be investigated, because of their special characteristics, especially because of its feature for combining distinct semantic nuances.

Keywords: Mesoconstructions. Concessivity. Intensity.

1. Considerações iniciais

Em geral, as gramáticas normativas apresentam a concessividade no âmbito das orações subordinadas adverbiais. A maioria dessas obras preconiza, via de regra, um conjunto limitado de conectivos responsáveis pela veiculação da ideia de concessividade. Entre eles, destacamos os seguintes: *ainda que, embora, posto que* etc.

Aparentemente, toda e qualquer forma de expressão da concessividade estaria restrita ao uso de conectivos. Em alguns casos, a única forma registrada e abonada fora da área desses conectivos seriam as orações infinitas, ou seja, as chamadas reduzidas de infinitivo, gerúndio e participípio.

Por outro lado, pesquisas empíricas (cf. ROSÁRIO, 2012) têm demonstrado que há outros meios capazes de expressar a noção semântica de concessividade. Entre esses meios, destacamos as mesoconstruções concessivas intensivas de base adjetival, que são estruturas de justaposição. Em termos formais, elas englobam mais de dois vocábulos de categorias gramaticais distintas. Em termos conceituais, normalmente amalgamam a ideia de concessividade com outras noções, como alternância, intensificação etc.

A proposta deste artigo é justamente investigar como a concessividade pode ser expressa a partir de mesoconstruções que também veiculam a noção de intensidade, tomando o adjetivo como centro morfossintático da estrutura.

Para isso, na seção 2, discutiremos o conceito de mesoconstruções concessivas. Na seção 3, traçaremos algumas considerações sobre o princípio da iconicidade e (inter)subjativização. Por fim, apresentaremos uma proposta de análise para essas construções, com base nos pressupostos teórico-metodológicos adotados.

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: rosario.ivo@gmail.com

2. O que são mesoconstruções concessivas?

De acordo com Goldberg (1995, p. 1) e Golderg e Casenhiser (2010, p. 4), pode-se defender a tese de que sentenças básicas da língua são exemplos de construções – “correspondências de forma-significado”, que funcionam como unidades básicas e centrais da língua, ou, nos termos de Trousdale (2008, p. 6), como unidades simbólicas convencionais (“conventional symbolic unit”), visto que operam em diferentes níveis da gramática.

Segundo o nível de esquematicidade, de acordo com Traugott (2008, p. 5-6; 2009, p. 94), Fried (2008, p. 4-5), entre outros autores, as construções podem ser classificadas em macroconstruções (grandes esquemas), mesoconstruções (grupos de microconstruções com comportamentos similares), microconstruções (construções individuais) e construtos (realizações empíricas de microconstruções).

No âmbito da Linguística Funcional Centrada no Uso, a *construção* é eleita como a unidade básica da gramática. Modernamente, esse conceito pode ser aplicado desde ao morfema até sentenças mais complexas da língua. De uma forma geral, contudo, é mais comum associarmos o conceito de *construção* ao sintagma ou à oração.

Com relação ao fenômeno analisado neste artigo, uma esquematização possível para a mesoconstrução concessiva intensiva de base adjetival seria a seguinte:

Por [mais] adj que V_{subj}.

Essa mesoconstrução é sempre iniciada pela partícula *por*, imediatamente seguida ou não da palavra *mais*. Depois, vem o elemento nuclear da construção, que é o adjetivo. Esse termo central sofre um processo de intensificação, seguido de *que*. Por fim, a construção é concluída com um verbo prototipicamente no modo subjuntivo.

A mesoconstrução concessiva intensiva de base adjetival tem como característica básica o fato de ser parcialmente especificada, ou seja, não é nem totalmente aberta, como a relação sujeito e predicado, nem é totalmente especificada, como provérbios populares e frases feitas que, via de regra, não aceitam alterações. Além disso, amalgama a ideia de concessividade com intensidade.

Zamprônio (1998, p. 104), baseando-se em Bechara (1954), afirma que essas expressões formadas pela preposição *por* (com vestígio causal), antepostas a advérbios ou adjetivos, sempre permitem uma leitura com valor concessivo. Azeredo (2008, p. 335), por sua vez, acrescenta que essas expressões são sempre passíveis de quantificação ou gradação, como, de fato, temos verificado.

Vejamos um exemplo desse fenômeno linguístico²:

(01) Costumo dizer, jovem Deputado Fabio Silva, que exercer a democracia é escolher os governantes através do voto. Esta é a arma com a qual o eleitor, [**por mais humilde que seja,**] pode, em um dia, ter o mesmo valor que um milionário; é quando o soldado pode ter o mesmo valor que o coronel.

As ocorrências dessa mesoconstrução variam substancialmente. A incidência da partícula *mais* (na forma analítica ou sintética) contribui para a ideia de intensificação. Nas palavras de Mateus *et al.* (2003, p. 720-721), essas construções também poderiam ser

² Como será explicitado na seção 4, neste artigo, utilizaremos dados extraídos de discursos políticos da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro.

chamadas de *concessivas-comparativas*, visto que adjungem esses dois matizes semânticos (concessividade e comparação).

Concordamos com a análise das autoras. Por exemplo, o dado (01), que é bastante prototípico dessa mesoconstrução, preenche todos os elementos previstos na esquematização abstrata proposta para representar esse padrão. Na expressão concessiva *por mais humilde que seja*, detectamos claramente a ideia de intensificação, mas também de comparação. Afinal, o eleitor, no caso, é comparado a todos os outros em uma imaginária escala de humildade. Assim, podemos falar até mesmo em três matizes semânticos amalgamados: concessividade, intensidade e comparação.

3. Iconicidade e (inter)subjetivização

O princípio da iconicidade, em sua versão abrandada, postula uma relação não isomórfica, mas motivada entre forma e função. Segundo o subprincípio da quantidade, “quanto maior a quantidade de informação, maior a quantidade de forma” (cf. FURTADO DA CUNHA, 2000, p. 26-27). Nos padrões mesoconstrucionais concessivos, atua com grande vigor esse princípio, visto que a diferença entre um conectivo concessivo simples e uma mesoconstrução concessiva está justamente na maior carga de informação desta última que tende a amalgamar a noção de concessividade com outras noções semânticas.

A relevância e a quantidade de informações veiculadas por essas construções fazem com que, pelo menos em estágios iniciais de gramaticalização, elas sejam mais “pesadas” ou maiores do ponto de vista formal. Afinal, estamos tratando de construções com grande quantidade de carga informacional.

Segundo Givón (1990, p. 969), a base cognitiva do princípio da quantidade está na atenção e esforço mental demandados para o processamento de construções complexas. Certamente há uma permanente tensão entre ser muito informativo e ser muito econômico. São duas forças antagônicas em permanente busca de equilíbrio na língua, ou seja, é o “combate” entre tradição e inovação. Contudo, o desejo do falante de ser o mais expressivo e específico faz com que a codificação gramatical incorpore outros elementos e crie novos arranjos que se manifestam no nível do discurso.

Segundo vários pesquisadores funcionalistas, a gramaticalização está estreitamente ligada também a frequência de uso³ (cf. BYBEE, 2003). Assim, a baixa frequência de uso estaria diretamente correlacionada ao baixo desgaste semântico e fonológico dessas construções e, conseqüentemente, à sua incipiente gramaticalização.

De acordo com Traugott (2008, p. 3), somente os fatores sintáticos e semânticos não seriam suficientes para explicar a mudança linguística. Ocorre, em grande escala, uma exploração, por parte dos falantes, de implicaturas conversacionais⁴, que convidam o leitor/ouvinte a inferir significados diversos.

No dado (01), transcrito na seção anterior, a natureza persuasiva do discurso desencadeia a emergência desse sentido, visto que há uma verdadeira negociação de significados entre os interlocutores, que são os deputados estaduais. Essa interação *on-line* funciona como motor para a mudança, podendo chegar à rotinização.

Quando ocorre essa negociação de significados, também se cria muitas vezes um contexto de ambigüidade pragmática (cf. TRAUGOTT, 2008, p. 3), o que acarreta os

³ Essa asserção não é totalmente livre de problemas. “Há evidências de que a alta recorrência de estruturas nem sempre pode ser correlacionada a estágios avançados de gramaticalização” (LIMA-HERNANDES, 2004, p. 192)

⁴ *Implicatura conversacional* é um tipo de inferência que aponta para efeitos de sentido que vão além do que está dito literalmente. É um assunto estudado no campo da pragmática.

chamados processos de subjetivização⁵ e intersubjetivização, que estão a serviço de uma maior expressividade para o discurso.

De acordo com Cuenca e Hilferty (1999, p. 162-163), a mudança linguística pode ser atribuída a alguma implicação do emissor (atitudes, valores etc.) na forma linguística ou no enunciado, ou seja, o fenômeno da subjetivização faria com que expressões linguísticas se enriquecessem pragmaticamente.

A subjetivização se ativa por meio de processos de ordem metonímica. Surge na tensão entre a tendência do emissor de não dizer mais do que o necessário (princípio da economia) e a do receptor a selecionar a interpretação mais informativa do que se diz, a mais relevante.

Essa tensão entre necessidades comunicativas aparentemente opostas leva os falantes à intenção de serem cada vez mais específicos por meio da codificação gramatical. Esse processo, que não possui poucos pontos em comum com a hipótese da gramática emergente, conduz a um verdadeiro reforço de informatividade (cf. CUENCA; HILFERTY, 1999, p. 169), baseado em um processo metonímico de caráter inferencial.

A subjetivização é definida como o desenvolvimento de uma expressão da crença, atitude ou ponto de vista do falante a respeito do que diz, identificável gramaticalmente (cf. TRAUGOTT, 2007, p. 354; 2009, p. 7). Trata-se da semanticização de significados baseados no falante, gradualmente abstratos, pragmáticos e interpessoais (CACOULLOS; SCHWENTER, 2010, p. 1). Aliás, para Traugott e Dasher (2002, p. 7), a subjetivização é o principal mecanismo de mudança semântica de que se tem conhecimento.

Em se tratando de discursos políticos, a força da subjetivização atua ainda em maior medida, visto que há um forte apelo por graus cada vez maiores de expressividade. Essa necessidade discursiva pode funcionar como um verdadeiro motor para o surgimento de formas como as que ilustramos em (01), fora do estrito rol dos conectivos concessivos canônicos.

A subjetivização tem como base negociações em uma base comum (*common ground*), é de natureza profundamente dialógica, contestativa e refutativa. Constatamos, assim, a forte identidade existente entre os conceitos de subjetividade e concessividade. Aliás, para sermos mais precisos, no que tange à relação entre concessividade e expressividade, é mais acertado falarmos em intersubjetivização, que é justamente a utilização de recursos linguísticos para atuação sobre o interlocutor, com vistas à sua adesão ou anuência ao que é assertado. Nesse caso, desloca-se o foco apenas do locutor para ambos os interlocutores no discurso (cf. OLIVEIRA, 2010, p. 33). Esse esquema subjaz à própria ideia de concessividade.

Como dissemos anteriormente, a ideia de concessão leva em conta o ponto de vista do outro. Segundo Gouvêa (2002, p. 8), “concede-se para que o interlocutor se sinta valorizado e, com isso, a aceitação dos argumentos contrários lhe seja menos penosa”. Mais uma vez, percebemos o quanto o caráter dialógico e intersubjetivo das construções concessivas está no cerne da própria estrutura argumentativa.

4. Procedimentos metodológicos e análise de dados

Nossa fonte de pesquisa consta no site eletrônico <http://www.alerj.rj.gov.br>, mais especificamente no ícone *Discursos e Votações*, que apresenta os discursos políticos dos deputados da ALERJ (Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro). Todos os discursos estão classificados por ano e mês (de janeiro a dezembro). Cada mês apresenta um número bastante variável de discursos, a depender da pauta do dia e das normas internas da Casa Legislativa.

⁵ De acordo com Traugott e Dasher (2002, p. 19), o conceito de subjetividade foi citado nos trabalhos de Bréal já em 1964. Portanto, não é algo totalmente novo na linguística de inspiração funcionalista.

Em um universo de 1275 discursos políticos pesquisados, foram encontradas 548 ocorrências de construções concessivas. Das 548 construções concessivas localizadas, 483 são introduzidas por conectivos e 65 são não-conectivas (ou justapostas).

Nesse universo, foram localizadas 16 ocorrências de mesoconstruções concessivas intensivas de base adjetival em todo o *corpus*, o que corresponde a 24,61% de todas as justapostas. Os adjetivos encontrados nesses padrões mesoconstrucionais foram: *humilde*, *poderosa*, *incrível*, *gabaritado*, *simples*, *pacífica*; e os sintéticos *mínimo*, *maior*, *menor* e *melhor*. Vejamos alguns exemplos:

- (02) Quanto ao presidente Lula, tenho certeza que não foi isso o que ele quis dizer. O Presidente Lula falou talvez do respeito à pessoa física, mas, na questão do Senado Federal, o Brasil merece toda a transparência do mundo, porque isso afeta qualquer cidade do país, [**por menor que ela seja**]. – 18/06/2009
- (03) Aí, recuperam o velho jargão do regime militar, que a gente pensou estivesse enterrado, quando qualquer manifestação popular, [**por mais pacífica que fosse**], era usada como questão de comunista, de agitador, de baderneiro, de subversivo. – 15/04/2009
- (04) Deputado Wagner Montes, [**por maior que seja** seu desejo de o Deputado Luiz Paulo repetir,] não vai repetir, porque todos entenderam muito bem. – 17/06/2009
- (05) Inicialmente, cabe dizer a este Plenário que a matéria em questão é de direito financeiro, que regulamenta o controle externo dos atos administrativos dos demais poderes e instituições, competência exclusiva do Poder Legislativo. De tal competência não abrimos mão, e não serão técnicos, [**por mais gabaritados que sejam e que estejam** a serviço do Poder Executivo], que irão tirá-la desta Casa. – 11/02/2009

As mesoconstruções concessivas intensivas de base adjetival apresentam um ponto em comum. Todas elas designam a ideia de posição escalar extrema ou de intensificação (cf. AZEREDO, 1990, p. 105) e perfilam verbos quase que exclusivamente no modo subjuntivo.

O exemplo (02) possui a particularidade de trazer a forma padrão sintética do grau superlativo do adjetivo *pequeno*. Assim, a expressão *por menor que seja* contém em si uma forma consagrada pela tradição que une *mais* + *pequeno* em um único vocábulo: *menor*. Por esse motivo, consideramos esse exemplo como sendo um representante do padrão descrito. Da mesma forma como encontramos *menor*, também temos *maior* e *melhor*, que são formas normatizadas de dizer *mais grande* e *mais bom*, respectivamente.

“Por menor que seja” veicula a ideia de concessividade, pois poderia ser substituída funcionalmente por “Embora seja menor”. Vale destacar, contudo, que a mesoconstrução concessiva intensiva de base adjetival tem a característica (ausente na paráfrase apresentada) de veicular também a noção de intensidade. A expressão, ademais, apresenta forte caráter intersubjetivo, visando ao convencimento da audiência.

No corpus pesquisado, o dado (03) é o único exemplar do padrão que utiliza o verbo no pretérito imperfeito. Aqui cabem as mesmas observações feitas com relação ao exemplo (02), já que se trata de uma estratégia que amalgama as noções de concessividade e de intensidade. No discurso, essa construção cria uma estrutura de fundo para o discurso político do deputado orador que está reportando fatos concernentes ao Regime Militar.

Em geral, como observamos nos exemplos (01), (02) e (03), a mesoconstrução concessiva intensiva de base adjetival tende a constituir, por si só, uma expressão sintática independente, sem necessidade de argumentos ou satélites quaisquer que sejam. O exemplo (04), contudo, é uma exceção a essa regularidade, visto que o segmento concessivo vai além do esquema *Por [mais] adj que V_{subj.}*, incorporando outros elementos, ou seja, *seu desejo de o Deputado Luiz Paulo repetir*. Isso certamente é desencadeado pelo fato de o segmento concessivo ocupar uma posição inicial. Nos outros casos, o nível de síntese da construção é

maior, sem necessidade de outros elementos, porque tende a ser posposta, ou seja, pode recuperar, por mecanismos anafóricos, outros elementos já descritos no texto. No caso do dado (04), isso não ocorre, já que a mesoconstrução concessiva vem logo após o vocativo que introduz o discurso.

No tocante à língua falada, segundo a Enciclopédia Internacional de Ciências Sociais e Comportamentais [19--], p. 167], as cláusulas adverbiais servem a funções interacionais distintas na conversação face a face. Dessa forma, cláusulas antepostas frequentemente são encontradas no início de unidades discursivas relativamente amplas, exatamente quando o falante tem máximo controle sobre o turno. Suspeitamos que essa asserção possa ser aplicada ao caso do discurso em (04), em que a mesoconstrução concessiva também se apresenta em anteposição à matriz.

O exemplo (05), por sua vez, expressa com maior vivacidade o aspecto dinâmico e plástico da argumentação. O orador utiliza-se de duas estruturas coordenadas, com o objetivo de, por meio da síntese, buscar maior ênfase e rigor ao seu discurso. Vale destacar que a concessiva é usada de forma intercalada na expressão “técnicos [...] a serviço do Poder Executivo”. A inclusão da concessiva serviu para suspender momentaneamente a linha de argumentação do discurso, chamando a atenção da audiência para a intolerância à interferência nas competências do Poder Legislativo. Em síntese, o uso da mesoconstrução concessiva de forma intercalada certamente não foi um ato gratuito, mas cuidadosamente arquitetado, visando a uma maior expressividade e ênfase à mensagem.

Devemos notar que em 100% das ocorrências desse padrão construcional, o verbo utilizado foi “leve”, ou seja, não-significativo ou não-nocional. Das 16 ocorrências, o verbo *ser* surgiu doze vezes; o verbo *parecer* surgiu três vezes; e o verbo *estar* surgiu uma vez. Isso indica que o foco da estrutura está centrado justamente no elemento caracterizador, ou seja, no adjetivo, e não na ação que é veiculada prototipicamente pelo verbo. Essa característica, já conhecida nas estruturas predicativas, é replicada nessa mesoconstrução.

Constatamos, no bojo das mesoconstruções concessivas, uma notável ambiguidade estrutural, o que, nos termos de Traugott (2008, p. 21), é pré-requisito para a reanálise e, portanto, para a gramaticalização. Essa ambiguidade estrutural resulta da cristalização de rotinas linguísticas, que intentam resolver problemas interacionais na comunicação cotidiana. É nesse sentido que os cognitivistas e alguns funcionalistas consideram a gramática como um conhecimento procedimental, afinal, é na interação *on-line* que as soluções para a comunicação são encontradas (cf. THOMPSON; COUPER-KUHLER, 2005, p. 483-484).

Esse processo de reanálise, entendido como mudança na estrutura da expressão, especialmente na estrutura morfossintática, na verdade, segundo Traugott (2007, p. 3), só poderá ocorrer plenamente na medida em que a repetição do padrão levar à automatização da sequência de unidades. Isso fará também com que esses padrões provavelmente sofram algum tipo de compressão ou redução em sua forma. Em outras palavras, haverá perda crescente de autonomia dos itens para uma crescente cristalização.

A reanálise utiliza materiais já existentes na língua, reorganizando-os em novos padrões morfossintáticos, no eixo sintagmático ou linear do discurso. Trata-se também de um fenômeno psicológico, pois os falantes alteram sua percepção acerca da ordenação dos constituintes no eixo sintagmático por meio de processos inferenciais. Assim, é cada vez mais comum que os falantes e ouvintes percam progressivamente a percepção acerca da composicionalidade da mesoconstrução concessiva, considerando-a cada vez mais como um bloco holístico.

Lembramos que a composicionalidade (cf. FRIED, 2008, p. 5) não pode ser apontada como mecanismo contrário à gramaticalização ou ao estatuto de construção de qualquer sequência que seja. Na verdade, no âmbito da gramática das construções, a composicionalidade é considerada de forma enfraquecida, já que o significado de uma

expressão, de uma forma mais transparente ou não, vai ser o resultado dos elementos lexicais que a compõem.

Ainda com relação a essa mesoconstrução, destacamos duas outras ocorrências:

(06) [**Por incrível que pareça,**] Sr. Presidente, gostei muito do que vi. Uma cozinha muito bem montada, muito bem feita. Tive a oportunidade de ver os alimentos muito bem preparados. – 12/05/2009

(07) É fundamental que o Rio de Janeiro tenha os instrumentos necessários [– **mínimos que sejam,** mas necessários –], para que o Estado tenha a força necessária de ser o controlador dessa operação, de ser o cobrador dessa operação. – 02/06/2009

O exemplo (06) traz-nos uma expressão já bastante cristalizada, ou seja, a expressão *por incrível que pareça*. É muito provável que essa expressão, oriunda do padrão mesoconstrucional *por [mais] adj que V_{subj}* já esteja em estado avançado de gramaticalização, tendo em vista sua rotinização e amplo uso nas práticas de linguagem. Assim, fica claro que no âmbito de uma mesma mesoconstrução, há microconstruções diversas em possíveis estágios diferenciados de gramaticalização. O uso e consequente rotinização fizeram com que ocorrências desse tipo (06) alcançassem graus mais avançados de cristalização.

O exemplo (07), por fim, traz outra expressão também já bastante cristalizada, ou seja, *mínimos que sejam*. Nesse caso, já não notamos o emprego do item *por*, no início do segmento concessivo, o que demonstra um estágio de erosão em processo, já bastante facilitado pela ocorrência de *mínimo*, que veicula o superlativo sintético resultante de *mais pequeno*.

Deve-se destacar também que nem sempre os padrões mesoconstrucionais preenchem confortavelmente todos os *slots* dos esquemas abstratos que buscam representá-los. Esse é o caso de (07), que não preenche o primeiro item de *por [mais] adj que V_{subj}*. Isso comprova o caráter elástico das construções, que estão sempre em processo de acomodação e reacomodação no sistema.

Vale reiterar que em todos os casos analisados, sempre há a ideia de intensidade ou escalaridade extrema, de forma mais explícita ou não. É por esse motivo que denominamos essa construção como concessiva *intensiva* de base adjetival.

Barreto (1999) ocupa-se das construções concessivas iniciadas pelo segmento *por mais que*. Segundo a autora, a preposição *por* associa-se ao intensificador *mais* e à conjunção *que* para formar o item conjuncional concessivo *por mais que*, que ocorre inicialmente em textos do séc. XVI, ainda com a forma não gramaticalizada, o que só ocorrerá no século XVII. Assim Barreto (1999, p. 388) explica esse fenômeno linguístico:

Percebe-se, pois, a atuação do processo metonímico que determinou a reanálise, isto é, a reinterpretação do item. Empregado, inicialmente, em sentenças precedidas de sentenças negativas, o item assumiu o sentido concessivo, passando, mais tarde, a ser empregado, com esse sentido, também em sentenças afirmativas. Por outro lado, permitindo, inicialmente, a inserção de um item lexical entre os seus termos, **por mais que** passou a constituir, em fase posterior, uma forma fixa, gramaticalizada.

Houve, pois:

1. *recategorização*:

| | | | | | | | | |
|-------|---|------|---|--------------|---|-------|---|--------------|
| prep. | + | int. | + | item lexical | + | conj. | > | conjunção |
| ↓ | | ↓ | | | | ↓ | | ↓ |
| por | | mais | | X | | que | | por mais que |

2. *sintaticização* - reinterpretação do item na sentença;3. *semanticização* - passagem de um conteúdo semântico [+ concreto] com a presença de um item do léxico, para um conteúdo semântico [- concreto], o que expressa a relação de concessão.

Essa brevíssima incursão pela diacronia ajuda-nos a compreender a razão pela qual essa mesoconstrução veicula a noção de concessividade.

5 Considerações finais

Este artigo demonstrou empiricamente que a noção de concessividade pode ser expressa por meio de outros meios além dos prototípicos conectivos concessivos e das chamadas orações reduzidas. Entre esses recursos apresentados pela língua, destacamos as chamadas mesoconstruções concessivas intensivas de base adjetival.

Em termos morfossintáticos, essa mesoconstrução é sempre iniciada pela partícula *por*, imediatamente seguida ou não da palavra *mais*. Depois, vem o elemento nuclear da construção, que é o adjetivo. Esse termo central sofre um processo de intensificação, seguido de *que*. A construção é concluída com um verbo prototipicamente no modo subjuntivo. Por fim, deve-se acrescentar que são parcialmente especificadas e medianamente composicionais.

Em termos semântico-pragmáticos, amalgamam a ideia de concessividade com intensidade e/ou comparação. Além disso, designam a ideia de posição escalar extrema ou de intensificação. Servem para alcançar expressividade no discurso, sendo utilizadas em contextos intersubjetivos com forte carga de argumentação.

REFERÊNCIAS

- AZEREDO, José Carlos. *Iniciação à sintaxe do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- _____. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Houaiss/Publifolha, 2008.
- BARRETO, Therezinha Maria Mello. *Gramaticalização das conjunções na história do português*. 2v. 1999. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.
- BECHARA, Evanildo. *Estudos sobre os meios de expressão do pensamento concessivo em português*. Tese de Cátedra. Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 1954.
- BYBEE, Joan. Mechanisms of Change in Grammaticalization: The Role of Frequency. In: JOSEPH, Brian; JANDA, Richard (Ed.). *The Handbook of Historical Linguistics*. [S.l.]: Blackwell Publishing, 2003.
- CACOULLOS, Rena Torres; SCHWENTER, Scott A. *Towards an Operational Notion of Subjectification*. University of New Mexico and The Ohio State University. Disponível em: <http://people.cohums.ohio-state.edu/schwenter1/Torres&Schwenter.pdf>. Acesso em dezembro/2010.

- CUENCA, Maria Josep; HILFERTY, Joseph. *Introducción a la lingüística cognitiva*. Barcelona: Ariel Lingüística S.A., 1999.
- ENCICLOPÉDIA INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS SOCIAIS E COMPORTAMENTAIS. [19--]
- FRIED, Mirjan. Constructions and constructs: mapping a shift between predication and attribution. Princeton University. In: BERGS, A.; DIEWALD, G. (Eds.) *Constructions and language change*, 47-79. Mouton de Gruyter, 2008.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. A interação sincronia/diacronia no estudo da sintaxe. *DELTA*, São Paulo, v. 15, n.1, fev/julho 1999.
- GIVÓN, Talmy. *Syntax: a functional typological introduction*. v. 2. Amsterdam: John Benjamins, 1990.
- GOLDBERG, Adele E. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- _____; CASENHISER, Devin. *English Constructions*. Disponível em: <http://www.princeton.edu/~adele/English%20Constructions.rtf>. Acesso em maio/2010
- GOUVÊA, Lúcia Helena Martins. *Perspectivas argumentativas pela concessão em sentenças judiciais*. 2002. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Faculdade de Letras da UFRJ, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.
- LIMA-HERNANDES, Maria Célia. Estágios de gramaticalização da noção de tempo: processos de combinação de orações. *Veredas: Conexões de orações*, Juiz de Fora, vol. 14/15, 2004.
- MATEUS, Maria Helena Mira et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003.
- OLIVEIRA, Mariangela Rios. Categorias cognitivas em debate: a trajetória dos pronomes locativos no português. In: LIMA-HERNANDES, Maria Célia (Org.). *Gramaticalização em perspectiva: cognição, textualidade e ensino*. São Paulo: Paulistana, 2010.
- ROSÁRIO, Ivo da Costa do. *Expressão da concessividade em construções do Português do Brasil*. 277 f. 2012. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- THOMPSON, Sandra A.; COUPER-KUHLEN, Elizabeth. The clause as a locus of grammar and interaction. In: *Discourse Studies*. 2005, vol 7(4-5):481-505. Disponível em: <http://dis.sagepub.com>.
- TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Constructionalization, grammaticalization and lexicalization again*. Some issues in frequency. Course on Gzn and C x G. Dec 18th 2007.
- _____. 'All he endeavoured to prove was...': constructional emergence from the perspective of grammaticalization. 2008. (Texto digitado).
- _____. Constructions in grammaticalization. In: BRIAN D., Joseph; JANDA, Richard D. (Eds.). *The Handbook of Historical Linguistics*. Blackwell Publishing, 2004. Blackwell Reference Online. 08 July 2009. http://www.blackwellreference.com/subscriber/tocnode?id=g9781405127479_chunk_g978140512747922.
- _____; DASHER, Richard B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: University Press, 2002.
- TROUSDALE, Graeme. Words and constructions in grammaticalization: The end of the English impersonal construction. In: FITZMAURICE, Susan M.; MINKOVA, Donka (Eds.). *Studies in the History of the English Language IV*. Berlin, New York (Mouton de Gruyter), 2008b.
- ZAMPRÔNIO, Silvana. *A hipotaxe adverbial concessiva no português escrito contemporâneo do Brasil*. 1998. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade do Estado de São Paulo, Araraquara, 1998.